

ARGUMENTAÇÃO NA MÍDIA, PROBLEMATICIDADE E IMITAÇÃO NOS GÊNEROS TRANSGRESSIVOSⁱ

Rony Petterson Gomes do Valeⁱⁱ

Resumo: Neste artigo, discutimos algumas formas de argumentação midiática, analisando certas estratégias discursivas tidas como transgressivas (ou, ainda, imitativas) como, por exemplo, a paródia, o pastiche etc. Com efeito, evidenciamos como o conceito de “problematicidade” – entendida como uma característica da linguagem de se apresentar como uma estrutura, ao mesmo tempo, interrogante-solucionante – pode ser aplicado aos gêneros que imitam enunciados das mídias de informação, reconfigurando as razões e as atitudes supostamente atribuídas à instância de recepção pela instância produtora dos discursos. Partindo dessa ideia, apresentamos nossa proposta de entender a “problematicidade” como um fator constitutivo para o efeito pretendido com a “imitação” presente nos gêneros transgressivos.

Palavras-chave: Argumentação. Mídia. Problematicidade. Imitação. Gêneros transgressivos.

Abstract: In this article, we discuss some forms of media argumentation, by analyzing certain discursive strategies understood as transgressive (or, in other words, imitative), such as parody, pastiche etc. In fact, we show how the concept of problematicity – which is understood as a language feature "to show itself" while a questioner-solucionante structure – can be applied to genres that imitate utterances of media information, reconfiguring the reasons and attitudes supposedly attributed to the reception instance by the instance that products the discourses. Based on this idea, we present our proposal to understand the problematicity as a constitutive factor for the intended effect with this imitation that is present in the transgressive genres mentioned.

Keywords: Argumentation. Media. Problematicity. Imitation. Transgressive genders.

i O presente artigo é uma versão revisada e ampliada de comunicação oral apresentada no III EMAD (VALE, 2009).

ii Docente da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil. E-mail: ronyvale@gmail.com.

Introdução

Se o riso é uma característica do homem, o uso da linguagem e da argumentação é uma outra¹

A argumentação e sua ação na mídia, desde muito tempo, despertam grande interesse nos Analistas do Discurso. Entre os vários pesquisadores que seguem essa linha, podemos destacar, por exemplo, os trabalhos de Charaudeau (1998) e (2009), de Maingueneau (1996) e de Emediato (2010). Também estudos sobre gêneros “transgressivos”, nos quais imperam os processos de “imitação”, como, por exemplo, a paródia e o pastiche, possuem um amplo acervo de discussões, principalmente, com os trabalhos de Bakhtin (1970), Genette (1982), Maingueneau (1997), Machado (2002) e (2004), entre outros. Apesar disso, nossa proposta, aqui, visa, simplesmente, evidenciar uma percepção um pouco diferente da argumentação nas mídias de informação, levando-se em consideração o papel da “imitação” enquanto estratégia discursiva que pode captar ou subverter gêneros e textos midiáticos.

Nesse intuito, nossa análise toma como ponto central a questão da “problematividade” (MEYER, 1981) entendida como uma característica da linguagem de se mostrar numa estrutura “interrogante-solucionante”. Propomos uma expansão do alcance de aplicação desse conceito com o objetivo de identificar como se reconfiguram as “razões” – nas quais os sujeitos se baseiam para emitir seus julgamentos – e as “atitudes” – supostamente esperadas desses sujeitos – dentro de enunciados que se constroem pela “imitação” de textos ou de características discursivas pertencentes a determinados gêneros.

Para isso, estruturamos esse trabalho em três partes: na primeira, mostramos as bases teóricas que dão suporte à nossa análise: uma visão sucinta das principais questões ligadas à argumentação; os conceitos de “problematividade” e de memória discursiva; e a definição de “imitação”. Na segunda parte, apresentamos o *corpus* e procedemos à análise, procurando estender o alcance da “problematividade” aos gêneros transgressivos. Por último, tecemos algumas considerações sobre a aplicabilidade desse conceito em certos textos imitativos de mídias de informação. Assim, procuraremos,

¹ Tradução nossa. No original: “Si le rire est le propre de l’homme, l’usage du langage et de l’argumentation en est un autre” (PERELMAN, 1974, p. 5).

nas seções que se seguem, fornecer uma visão sucinta² do tratamento dado às questões da argumentação. Apresentamos a articulação entre Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot e o conceito de “problematividade” proposto por Meyer (1981) para mostrarmos as bases da discussão da argumentação nas mídias de informação em Emediato (2010). Em seguida, trataremos à discussão a proposta de Charaudeau sobre a análise do discurso das mídias e sobre as memórias discursivas que possibilitam a percepção e o reconhecimento dos fatos pela audiência. Por fim, retomaremos as colocações de Machado (2004) e de Maingueneau (1997) sobre o conceito de “imitação” e de “transgressão” nos gêneros do discurso.

1 Da argumentação à “transgressão”

1.1 Argumentação e problematidade nas mídias de informação

Com base em Maingueneau (1996) e Emediato (2010), podemos dizer que a Teoria da Argumentação na Língua (doravante ANL) de Anscrombe e Ducrot propunha que as questões relacionadas à argumentação pertenceriam ao âmbito da língua, marcada principalmente pelos *enchaînments* (“encadeamentos”). Tais *enchaînments* forneceria as orientações para a formulação de sentido entre argumentos como, por exemplo, em “ele é rico, portanto é feliz”, em que “portanto” representaria, no sistema da língua, os *topoi* que tornariam possíveis raciocínios desse tipo. Contudo, Ducrot, sob críticas quanto à exterioridade constitutiva dos *topoi*, reformula a ANL: propõe a existência de dois tipos de *topoi*: os “intrínsecos” e os “extrínsecos”. Em seguida, exclui os *topoi* extrínsecos da ANL por não considerá-los parte do sistema da *língua*.

Todavia, segundo Emediato (2010), a Análise do Discurso viu nesses *topoi* extrínsecos um campo no qual os implícitos externos à língua poderiam revelar as características dos discursos de cunho argumentativo³. Com base mais na retórica, Meyer (1981) nos apresenta o conceito de “problematividade”: uma espécie de função da linguagem que se apoia numa

2 Como nosso objetivo, nesse artigo, é buscar uma aplicação prática das teorias desenvolvidas pelos autores e, ao mesmo tempo, apresentar um esboço de reinterpretação dos conceitos tendo por bases gêneros voltados para efeitos de sentidos mais ou menos voltados para a subversão/transgressão e para o riso, não nos preocupamos em apreender, por uma questão de tempo e espaço, uma discussão mais aprofundada dessas teorias e conceitos; no entanto, os interessados podem se servir das indicações presentes nas nossas referências bibliográficas.

3 De certo modo, essa parece também ser a opinião de Maingueneau (1997).

estrutura “interrogante-solucionante” na qual as noções de sentido literal e de sentido implícito, forma e sentido, e argumentação estão imbricados. Com efeito, o mesmo teórico postula que todo ato de linguagem deve se basear nas crenças sobre saberes compartilhados entre os parceiros do ato.

Retomando as ideias e os conceitos acima elencados, Emediato (2010, p. 71-92) propõe uma análise da argumentação midiática a partir da percepção da “problematidade” constitutiva da linguagem, com o intuito de se poder chegar à caracterização de uma ética cidadã que possui características próprias em cada meio midiático e que, de alguma maneira, é reproduzida no texto de informação. Isso pois, as “proposições implícitas analisáveis nos textos midiáticos lhes conferem, [...], sua “problematidade” argumentativa e apontam para a identificação de uma ética cidadã pressuposta circulante no espaço público”. Em outras palavras, admite-se que o complemento de um enunciado dado implica o sentido que o sujeito enunciador supõe que o leitor/ouvinte concede a esse mesmo enunciado, por meio de um raciocínio por intuição ou por inferência dedutiva. Haveria, portanto, ainda com base em Emediato (2010), para cada meio midiático uma “razão” correspondente que acarretaria um tipo de atitude (verbal ou não) no sujeito leitor/receptor/ouvinte, como, por exemplo:

- Jornal de informação → ética cidadã → atitude de indignação, solidariedade etc.
- Jornal popular → razão catártica → atitude de prazer, ódio, revolta etc.
- Jornal partidário → razão partisan → crítica, apoio, engajamento etc.
- Jornal religioso → razão dogmática → crença, credo, fé etc.

Deve-se ter em mente que a razão problematológica aqui é tida como uma espécie de julgamento que supostamente pertencente à audiência ou aos leitores, ou seja, não são dados empíricos presentes nos enunciados, mas somente problematizações possíveis. Assim, a tematização – a criação de um enunciado que responde a uma pergunta – pertence à instância produtora (o sujeito falante constrói uma possível resposta a uma pergunta feita pelo leitor); porém, a problematização, baseada em valores que se supõe serem conhecidos, é inferida pelo sujeito falante como uma parte constitutiva do conhecimento pertencente à instância receptora.

A partir disso, é importante atentarmos para o papel que possuem os sujeitos (do discurso) em todo esse processo, pois é a partir da suposição

sobre os saberes pertencentes a eles – aos sujeitos – é que a tematização e a problematização podem se desenvolver. Por isso, acreditamos ser relevante acoplar a essa proposta de análise a visão de Charaudeau sobre a argumentação do ponto de vista do discurso.

1.2 A argumentação no discurso midiático e as memórias discursivas

Charaudeau (1998) propõe que a argumentação, entendida aqui como um produto de um ato de linguagem, deve ser analisada dentro de sua situação de comunicação que envolve o sujeito e suas visadas.

A argumentação é então considerada como uma prática social (comum ou erudita) dentro da qual o sujeito desejando argumentar se encontra ao mesmo tempo restringido pelos dados da situação comunicacional que o sobredetermina, e ao mesmo tempo livre para jogar com essas coerções, dispondo de uma margem de manobra que a ele permite de realizar seu próprio projeto de fala e operacionalizar as estratégias.⁴ (CHARAUDEAU, 1998, p. 6 – tradução nossa).

Assim, para Charaudeau (1998), o contrato de comunicação do discurso midiático prototípico, que se firma no ato de comunicação e que impõe certas coerções, coloca, por definição, o sujeito-argumentante num quadro problemático, pois esse mesmo sujeito deverá escolher entre a “objetividade”, em nome da credibilidade, e a “parcialidade”, em nome da busca pela audiência. Esta última, por sua vez, possui parte na construção de sentido do ato de comunicação a partir do uso de “memórias”. Com efeito, Charaudeau (2004) elabora a hipótese de que há, no sujeito falante/ouvinte, três memórias (Quadro 1), as quais se baseiam, originalmente, na capacidade/necessidade desse sujeito ter que registrar em sua memória certos tipos de padrões linguageiros, para que ele seja reconhecido como sujeito do ato de linguagem e, ao mesmo tempo, para que reconheça a comunidade discursiva onde vive.

4 Tradução nossa. No original: “L’argumentation est donc considérée comme une pratique social (ordinaire ou savante) dans laquelle le sujet voulant argumenter se trouve à la fois contraint par les données de la situation communicationnelle que le surdétermine, et en même temps libre de jouer avec ces contraintes, disposant d’une marge de manœuvre que lui permet de réaliser son propre projet de parole et faire œuvre de stratégies.”

| Quadro 1 – Das memórias | |
|-------------------------|---|
| Memória | <i>Discursiva</i> : constituída pelos saberes de conhecimentos e de crenças sobre o mundo circulantes numa sociedade dada. |
| | <i>Das situações de comunicação</i> : diz respeito aos dispositivos que normatizam os contratos de comunicação de modo que os parceiros possam se entender e se reconhecer. |
| | <i>Das formas ou das maneiras de dizer</i> : diz respeito às formas dos signos que servem para trocas, não enquanto sistema, mas em relação aos modos de uso desses signos. |

Fonte: Maingueneau (2006b, p. 325-326).

1.3 Dos gêneros transgressivos e do conceito de imitação

Antes de qualquer coisa, devemos colocar que entendemos por gênero do discurso os “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 262 – grifos do autor) que atendem às necessidades humanas de comunicação em diferentes campos e que possuem como características básicas: finalidade, estilo, condições específicas de produção e conteúdo temático. Além disso, podemos, juntamente com Machado (2004), ressaltar que há determinados tipos de gêneros que procuram subverter o caráter sério de outros gêneros: falamos aqui dos *gêneros transgressivos*. Segundo a mesma autora, temos um gênero transgressivo quando ele:

[...] “ousa” amalgamar em si diferentes tipos de discursos que tinham, em suas respectivas origens, um objetivo diferente daquele que vão assumir quando reunidos em um só. Nota-se que a “cola” ou a “argamassa” que virá consolidar tal união será representada pela intenção de ironizar algo ou alguém (MACHADO, 2004, p. 78).

Em outras palavras, os gêneros transgressivos distorcem algumas das características básicas dos gêneros (estilo, finalidade, etc.), alterando, portanto, o estatuto genérico de *sério* para *não sério*, e atingindo um objetivo, por vezes, ao mesmo tempo, lúdico e agressivo.

Ainda de acordo Machado (2004), entre os representantes desses gêneros transgressivos, podemos citar, por exemplo, a paródia, o pastiche e a charge. Aqui, deparamo-nos com outra questão: a dificuldade de diferenciar esses gêneros ditos *não sérios*. Para discutir esse ponto, vejamos os apontamentos de Maingueneau sobre o conceito de “imitação”.

Para Maingueneau (1997), o conceito de “imitação” está presente no rol das marcas pelas quais podemos identificar a “heterogeneidade discursiva”, ou seja, as marcas de subjetividade deixadas pelo sujeito que comunica. A “imitação” faria, portanto, parte do que ele define como “heterogeneidade mostrada”, isto é, a parte mais explícita das formas de heterogeneidade⁵.

Embora a “imitação” possa, na maior parte das vezes, ser percebida na superfície dos textos, pode haver casos nos quais isso não ocorre. Com essa possibilidade em mente, Maingueneau salienta que a “imitação” pode se dar de duas formas: pela captação e pela subversão:

[...] a “imitação” de um gênero do discurso pode assumir dois valores opostos: a captação e a subversão. Realmente, quando um falante se apaga por trás do “locutor” de um gênero determinado de discurso, e mostra que o faz, poderá pretender beneficiar-se da autoridade ligada a este tipo de enunciação ou arruiná-la. No primeiro caso, quando há a “captação”, a “imitação” incide sobre a estrutura explorada e, no segundo caso, quando há “subversão”, a desqualificação desta estrutura ocorre no próprio movimento de sua “imitação” (MAINGUENEAU, 1997, p. 102).

Com efeito, a “imitação”, ainda seguindo Maingueneau (1997), pode incidir de diferentes modos sobre textos, em particular, ou sobre gêneros, dependendo do alvo:

- a) Captando um gênero;
- b) Captando um texto singular e seu gênero;
- c) Subvertendo um gênero;
- d) Subvertendo um texto singular e seu gênero.

Isso lança várias possibilidades de verificação da “imitação” dentro de um mesmo texto ou gêneros sem a preocupação de quebrar limites de definições como a de paródia ou a de pastiche. Por exemplo, pode-se perceber que um texto se limitou ao estilo de um gênero quando aquele usa os mesmos recursos linguísticos deste último; ou mesmo quando um gênero usa um tema pertencente a um determinado texto para alcançar outro fim.

⁵ “[...] examinaremos a *heterogeneidade mostrada* e, a seguir, a *heterogeneidade constitutiva*; a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD [Análise do Discurso] pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso...” (MAINGUENEAU, 1997, p. 75 – grifos do autor).

2 Problematividade e imitação: analisando gêneros transgressivos

O corpus selecionado para essa análise é constituído de alguns enunciados que se configuram como gêneros transgressivos, uma vez que, pelo processo de “imitação”, subvertem/captam textos e gêneros pertencentes a diferentes tipos de discurso.

Esses enunciados (manchetes) foram extraídos do texto *Como seria a história da Chapeuzinho Vermelho nas manchetes das principais revistas e jornais do Brasil hoje*. Uma compilação paródica de várias manchetes de jornais e de revistas sobre um mesmo tema: a história de Chapeuzinho Vermelho (Anexo).

Esse texto nos foi enviado por e-mail, tendo o grande inconveniente dos inúmeros textos espalhados e compartilhados pela internet: não há certeza quanto à fonte por falta de referências. No entanto, para nossa análise, desprezaremos tal preocupação, pois, semelhantemente ao que ocorre à maioria das piadas, esses textos se tornam, depois certo espaço de tempo, patrimônio cultural, tendo reduzida a importância da identificação da fonte produtora em relação a uma maior relevância do conteúdo e da forma textual. Consideraremos, portanto, o texto humorístico aqui analisado com essa mesma característica. Vejamos alguns dos enunciados:

- (1) JORNAL DO BRASIL: “Floresta: garota é atacada por lobo”
- (2) O GLOBO: “Retirada viva da barriga de um lobo”
- (3) O ESTADO DE SÃO PAULO: “Lobo que devorou Chapeuzinho seria afiliado ao PT”
- (4) REVISTA ISTOÉ: “Gravações revelam que lobo foi assessor de José Dirceu”
- (5) JORNAL DIÁRIO GAÚCHO: “Sangue e tragédia no barraco da vovó”

Como podemos perceber, nos enunciados acima, os limites entre a “imitação” de texto e a de gênero são complexos, pois, ao mesmo tempo, os enunciados captam e/ou subvertem ora o texto – no caso, a clássica história infantil –, ora as características (estilo, finalidade, condição de composição) dos gêneros – no caso, os títulos de manchetes nos jornais. Entretanto, e mais importante, é perguntar-nos se, nos casos apontados, o objetivo lúdico/cômico/satírico desses gêneros transgressivos será atingido somente com o uso da “imitação”. Acreditamos que, além desta última, outros fatores contribuem para o estabelecimento de sentido nesses gêneros transgressivos, a saber: a “problematividade” e o uso das memórias.

2.1 Discutindo a problematidade nos gêneros transgressivos

Retomaremos, nesta seção, as características da “problematidade” pelo ponto de vista de Emediato (2010) com o intuito de verificar se ela pode constituir um dos fatores responsáveis pelo estabelecimento de sentido nos gêneros transgressivo voltados para as mídias de informação. Começemos com a identificação das mídias – levando em consideração os tipos de memórias discursivas –; logo depois, passaremos às razões correspondentes e às atitudes supostas, considerando somente a *imagem* dos tipos de mídia responsáveis pelos enunciados. Antes, falemos um pouco mais sobre essa imagem, ou em termos retóricos, sobre o *ethos* prévio desses tipos de mídias.

Conceito elaborado por Maingueneau (2006) a partir da diferenciação entre o “ethos discursivo” – constituído e mostrado no discurso do orador – e o “ethos prévio” – constituído nos discursos a respeito desse mesmo orador, *ethos* é uma construção complexa que se dá não somente através dos enunciados do sujeito falante, mas também de enunciados de outrem: destinatários ou “terceiros”. Com efeito, também o que se diz do sujeito falante pode contribuir para a construção do *ethos*. Isso porque, de acordo com Charaudeau (2006), parte das informações necessárias para a construção de alguns *ethé* pode ser fornecida pela mídia, a partir da história dos sujeitos e de suas identidades, ou seja, “identidades discursiva e social fusionam-se no *ethos*” (CHARAUDEAU, 2006, p. 116). Aqui entenderemos o *ethos* prévio como a imagem prévia constituída sobre o que se espera dos grandes meios midiáticos a partir de sua história e de sua política editorial. Vejamos:

| | Tipo de mídia | Razão | Atitude |
|-----------------------------------|----------------------|-------------------|--|
| Jornal do Brasil | De informação | Cidadã | Indignação; solidariedade etc. |
| Jornal O Globo | De informação | Cidadã | Indignação; solidariedade etc.; |
| Jornal Estado de São Paulo | De informação | Cidadã / Partisan | Indignação; solidariedade etc. Engajamento partidário, apoio, censura etc. |
| Revista ISTOÉ | De informação | Cidadã / Partisan | Indignação; solidariedade etc. Engajamento partidário, apoio, censura etc. |
| Jornal Diário Gaúcho | Popular | Catártica | Ódio; prazer; raiva etc. |

Fonte: Elaboração própria.

Os tipos de mídia relacionados aos enunciados analisados são jornais e revistas que possuem uma imagem (*ethos* prévio) reconhecível no cenário jornalístico brasileiro. Isso é requisito básico para que um gênero transgressivo seja reconhecido como tal, ou seja, “a paródia [leia-se também gêneros transgressivos] só pode existir para quem conhece o ‘texto alvo’ [ou texto-fonte]; daí advém sua necessidade de se basear em textos conhecidos ou até textos célebres” (MACHADO, 2002, p. 249). Desse modo, o leitor-receptor do gênero transgressivo deverá identificar o texto-fonte (texto alvo) de alguma forma, quer pela semelhança textual, quer pelo gênero, quer pelo discurso.

Para que essa identificação aconteça, acreditamos que o sujeito leitor/ouvinte utilizará os diferentes tipos de “memórias”: ora através dos tipos de discursos vinculados (memória discursiva) como, por exemplo, em (3) no qual é de praxe relacionar quaisquer assuntos à situação política do Brasil; ora através da memória das situações de comunicação como, por exemplo, em (1) na qual é possível reconstruir a cena do conto infantil; ora através das marcas textuais como, por exemplo, em (5) na qual os títulos são marcados por frases nominais e de impacto. É importante ressaltar que os enunciados analisados têm como propriedade acionar, em maior grau, uma ou outra das memórias, mas todas são igualmente necessárias para o estabelecimento de sentido e para o efeito de humor nos gêneros transgressivos.

Passemos, agora, para a “problematidade” envolvida nesses enunciados. Retomemos o enunciado (1), “Lobo que devorou Chapeuzinho seria afiliado ao PT”. A que pergunta esse enunciado serviria de resposta? Pensemos da seguinte forma: um sujeito X enuncia P a um outro sujeito Y, querendo responder uma pergunta W supostamente feita por Y, para que esse assuma determinada posição diante do fato. Em outras palavras, que atitude Y deve/deveria ter sobre o fato? Que pergunta Y fez/faria sobre o fato? A nosso ver não é tão simples responder a essas perguntas, uma vez que o gênero “título” em (1) está subvertido, o que altera as suas características funcionais. Vejamos um esboço de explicação.

Do ponto de vista da mídia de informação (Quadro 2), o *Jornal Estado de São Paulo* constrói os seus enunciados visando à construção de uma ética cidadã e, por vezes, também de uma ética *partisan*, que se preocupa com os caminhos da política do Brasil, principalmente, pelo olhar e pela ideologia dos partidos

ditos de “diretas”⁶. Do ponto de vista da “imitação”, acreditamos que esse mesmo raciocínio deva ser feito pelo leitor (aqui falamos do leitor da “imitação” e não do jornal); porém, o alvo não é mais a ética cidadã e sim uma razão catártica (próxima das pretensões dos jornais populares como o *Diário Gaúcho*) que tem o intuito de levar o leitor a tomar uma atitude ligada ao prazer (o riso, no caso). O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao enunciado (4).

Em (1) e (2), a explicação se prende no mesmo raciocínio acima desenvolvido; todavia, a esse adjuntamos o caráter tecnicista, “imparcial” e moderado dos dois jornais, na sua ânsia de atingir à solidariedade dos leitores por meio de uma ética cidadã (pura, livre de partidatismo). Para o sujeito imitador, porém, isso serve de mecanismo de reconhecimento dessas mídias pelo leitor.

Em (5), para o *Diário Gaúcho*, um jornal popular, supõe-se que (i) o leitor constrói problematizações baseados em uma razão catártica – baseada em sentimentos de natureza mais particulares – e que (ii) esse mesmo leitor terá atitudes como, por exemplo, a raiva, o ódio ou o prazer. Assim, ao lançar o enunciado do tipo “Sangue e tragédia no barraco da vovó”, o sujeito que imita o *Diário Gaúcho* entende, de antemão, que o leitor (do texto imitado) deve assumir uma posição semelhante ao leitor de jornais de mídia popular. Com efeito, é desenvolvida uma problematização dentro de uma razão catártica que leva a uma atitude como, por exemplo, a raiva, baseada em um raciocínio do tipo:

“Sangue e tragédia no barraco da vovó” → “queremos a cabeça desse lobo”

É nesse momento, entretanto, que outra razão, também de caráter catártico, entra em ação, proporcionando o efeito de humor ligado, por vezes, ao prazer do riso.

Considerações finais

Pelo exposto, podemos dizer que a “problematidade” na argumentação constitui um importante fator, juntamente com o uso das

6 Conceito complexo que se identificou, principalmente no Brasil, ora com os partidos que compõem o governo ou a situação, ora com um grupo que se engaja em idéias conservadoras e refratárias em relação aos rumos da política no país. Atualmente, no Brasil, a “direita” (DEM, PSDB etc.) constitui oposição ao governo. Este, por sua vez, formado, teoricamente, por uma base de partidos de “esquerda”, liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

memórias, para a análise de enunciados componentes de gêneros transgressivos que utilizam a mídia de informação como fonte.

Isso é evidenciado no jogo entre o reconhecimento do gênero/texto “fonte” e no desenvolvimento do raciocínio abduutivo do sujeito falante (imitador) a respeito da instância receptora. Ou seja, para desenvolver uma “imitação”, o sujeito deve construir uma imagem da instância produtora e da instância receptora e, ao mesmo tempo, supor a problematização pressuposta pela instância produtora sobre a instância receptora.

Percebe-se, dessa forma, que as razões nas quais a instância receptora se baseia para elaborar seus julgamentos são mobilizadas, num primeiro instante, para o texto/gênero-fonte (suas razões prototípicas e suas características ethóticas e estruturais) e, logo após, para a “imitação” (donde, uma razão catártica mais ou menos ligada ao riso para quaisquer dos enunciados analisados).

Essa mudança na seleção da razão, a nosso ver, parece ser, juntamente com outros mecanismos, uma das principais características responsáveis pelo efeito de humor nos gêneros transgressivos que incidem sobre as mídias de informação.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **L'oeuvre de François Rabelais et la cultura populaire au Moyen Age et sous la Renaissance**. Paris: Gallinard, 1970.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 261-306.

CHARAUDEAU, Patrick. L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit. **Le Français aujourd'hui**, 123, Paris, 1998.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida L.; MELLO, Renato (Org.). **Gêneros: Reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

_____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

VALE, Rony Petterson Gomes do. Argumentação na mídia, problematidade e imitação nos gêneros transgressivos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 138-152, jun.2014.

EMEDIATO, Wander. Argumentação na mídia: problematidade e avaliação ética. In: MACHADO, Ida L.; MELLO, Renato (Org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. v. 3. p. 71-92.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Editions du Seuil, 1982.

MACHADO, Ida L. Bom Bril + Carlos Moreno = 1002 utilidades. **Athos e Ethos**, Patrocínio, v. 2, p. 249-267, 2002.

_____. A paródia, um gênero “transgressivo”. In: MACHADO, Ida L.; MELLO, Renato (Org.). **Gêneros: Reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 75-86.

MAINGUENEAU, Dominique. Conectores argumentativos. In: **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 61-87.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Memórias discursivas. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 325-326.

MEYER, Michel. La conception problematique du langage. **Langue Française**, Paris, n. 52, p. 80-99, 1981.

PERELMAN, Chaïm. Preface. In: OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Le comique du discours**. Bruxelles: Editions de l’Université de Bruxelles, 1974. p. 5-6.

VALE, Petterson Gomes do. “Sangue e tragédia no barroco da vovó” – Argumentação na mídia e gêneros transgressivos: a problematidade nos gêneros de imitação. In: ENCONTRO MINEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2009, Viçosa-MG. **Anais**. Viçosa: DLA/UFV, 2009.

Anexo - Como seria a história da Chapeuzinho Vermelho nas manchetes das principais revistas e jornais do Brasil hoje

Jornal Nacional

(Willian Bonner): “Boa noite. Uma menina de 7 anos foi devorada por um lobo na noite de ontem”.

(Fátima Bernardes): “... mas graças à atuação de um caçador não houve uma tragédia”.

Fantástico

(Glória Maria): “... que gracinha, gente, vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo, não é mesmo...?”

Brasil Urgente

(José Luiz Datena): “... onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades?! A menina ia para a casa da avozinha a pé e sozinha! Não tem transporte público? Não tem segurança! Onde estava o secretário de segurança e os engenheiros da CET? E foi devorada viva... Sim VIVA!!! Um lobo, um lobo safado, calhorda. Põe na tela ESSE ANIMAL!!! Porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo mau. Daqui a pouco eu volto nesse caso”.

Veja

Fulano de Tal, 23, o lenhador que retirou Chapeuzinho Vermelho da barriga do lobo tem sido considerado um herói na região. “O lobo estava dormindo, acho que não foi tão perigoso assim”, admite ele.

Cláudia

“Como chegar na casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho”.

Nova

“Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama”.

Marie-Claire

“Na cama com um lobo e minha avó”, relato de quem passou por essa experiência.

Jornal do Brasil

“Floresta: Garota é atacada por lobo” (Na matéria, a gente não fica sabendo onde, nem quando, nem mais detalhes).

O Globo

“Retirada Viva da Barriga de um Lobo” (Na matéria tem até mapa da região. O salvamento é mais importante que o ataque).

O Estado de São Paulo

“Lobo que devorou Chapeuzinho seria afiliado ao PT”

Diário Gaúcho

“Sangue e tragédia no barraco da vovó”

Playboy

“Veja o que só o lobo viu” (ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mesmo mês do escândalo)

VALE, Rony Petterson Gomes do. Argumentação na mídia, problematidade e imitação nos gêneros transgressivos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 138-152, jun.2014.

Sexy

“Essa garota matou a fome do lobo !!!” (ensaio fotográfico com Chapeuzinho um ano depois do escândalo)

IstoÉ

“Gravações revelam que lobo foi assessor de José Dirceu”

G MAGAZINE

(ensaio fotográfico com lenhador) “Lenhador mata o lobo e mostra o pau”